

Relacionamentos abusivos: A dor do amor em distanciamento social na pandemia do Covid-19

Abusive relationships: The pain of love in social distancing in the Covid-19 Pandemic

Anna Claudia Matos de Souza¹, Fernanda Cabral Samico²

Como citar esse artigo. DE SOUZA, A.C.M.; SAMICO, F.C. Relacionamentos abusivos: A dor do amor em distanciamento social na pandemia do Covid-19. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 12, n. 2, p. 101-107, mai./ago. 2021.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

O presente trabalho busca entender como se institui um relacionamento abusivo, e se propõe a problematizar o porquê de as mulheres serem as principais vítimas desta modalidade de relacionamento. Utilizando-se de alguns conceitos freudianos e lacanianos foi construído, através de uma revisão bibliográfica, uma teorização sobre o conceito de feminilidade, além de uma reflexão acerca da devastação que atravessa estes relacionamentos disfuncionais. Por fim, procuramos entender como a pandemia causada pela COVID-19, bem como o distanciamento social, influenciou nas crescentes denúncias acerca das violências vividas em um relacionamento abusivo. Entende-se, então, que o sujeito regido pelo inconsciente busca tão somente a completude daquilo que falta, e ainda, que o Real que a pandemia trouxe a estas mulheres, corrobora com o aumento repentino das denúncias dos casos de violência doméstica que não foram meramente frutos do acaso, mas da ocorrência da quebra da fantasia em que elas viviam, fazendo com que o gozo proporcionado pelo sintoma não funcionasse mais.

Palavras-chave: Feminilidade; Devastação; Pandemia; Relacionamento abusivo.

Abstract

The present work seeks to understand how an abusive relationship is instituted, and proposes to problematize why women are the main victims of this type of relationship. Using some Freudian and Lacanian concepts, a theorization about the concept of femininity was constructed through a bibliographic review, as well as a reflection on the devastation that goes through these dysfunctional relationships. Finally, we seek to understand how the pandemic caused by COVID-19, as well as social distance, influenced the growing complaints about the violence experienced in an abusive relationship. It is understood, then, that the subject governed by the unconscious seeks only the completeness of what is missing, and also, that the Real that the pandemic brought to these women, corroborates with the sudden increase of the denunciations of the cases of domestic violence that were not merely an accident, but the occurrence of the break in the fantasy in which she lived, making the enjoyment provided by the symptom no longer work.

Keywords: Femininity; Devastation; Pandemic; Abusive relationship.

Introdução

Em qualquer psicoterapia, fala-se sobre o amor. O amor está em todas as esferas da vida e é um dos sentimentos mais incisivos nas questões que envolvam a humanidade. Freud delimitou, em seus escritos acerca da psicanálise, sobre como o ser humano busca a satisfação no amor, tendo como seu primeiro objeto a mãe e toda a demanda de amor ao passar pelas fases constitutivas até findar na castração, e nos elucida sobre como a negação deste amor influenciaria na construção da estrutura psíquica do sujeito.

No contexto sociocultural vemos diariamente notícias sobre feminicídio¹ e essa questão se evidenciou, principalmente, no período de distanciamento social motivado pela pandemia da Covid-19, no qual os índices

de denúncias de violência doméstica aumentaram em cerca de 50%, segundo o relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), sendo, em suma, provocado pela violência de parceiros agressores, fazendo-nos refletir sobre as motivações que levam mulheres a se submeterem a estes relacionamentos por vezes nominados abusivos. O art. 5º da Lei nº 11.340 – Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), caracteriza violência doméstica e familiar contra a mulher como quaisquer ações e/ou omissões que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. Desta forma, são considerados relacionamentos abusivos todos aqueles em que o parceiro ultrapassa os limites dados numa relação e violenta sua parceira seja física ou emocionalmente. Ressalta-se que dados estatísticos demonstram que esta modalidade de violência acomete, principalmente, as

Afiliação dos autores

¹Graduada em Psicologia pela Universidade de Vassouras / Curso de Psicologia / Universidade de Vassouras / Vassouras / Rio de Janeiro / Brasil

²Mestre e Doutora em Psicanálise pela UERJ/ Psicanalista e Diretora do Núcleo Vassouras do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise / Vassouras / Rio de Janeiro / Brasil

* Email de correspondência: annaclaudiamattos@outlook.com

Recebido em: 12/04/21. Aceito em: 06/07/21.

mulheres.

Estes dados nos fazem refletir sobre como acontece, em casos específicos, onde há amparo socioeconômico que viabilize uma separação e proteção destas mulheres, a manutenção do desejo de se ter por perto alguém que te machuca física e emocionalmente, ao ponto de se cogitar sua própria morte, mas sem ousar abrir mão deste laço afetivo, se fazendo necessário compreender as diferenças na forma como cada sujeito interioriza e interpreta o amor, como citado acima. A falta que faz falta se manifesta em petições de amor; mas como se sustenta um relacionamento disfuncional que traz sérias consequências para a vida daqueles que o exercem? Ou ainda, na tentativa de completar essa falta, a estrutura psíquica passa a interpretar o amor ou a falta dele como a satisfação para sua falta.

Dessa forma, através de uma revisão bibliográfica, bem como o acesso a conteúdos retirados de bases de dados *online* de revistas conhecidas, como Pepsic e Scielo, dentre outras, pensamos como se caracteriza a feminilidade e, ainda, como a psicanálise atua dentro de contextos em que o objeto de desejo pode ser destrutivo para o sujeito, além de pensar como a pandemia da COVID-19 influenciou para que estas questões se manifestem durante o período de distanciamento social.

A Feminilidade

A interpretação do que é feminilidade há muito transcorre pela discussão dicotômica sobre o que é do feminino e o que é do masculino, sendo construídos estereótipos que moldam e zelam pela manutenção e delimitação da atuação destes na sociedade. O feminino sempre foi marcado pela fragilidade e incapacidade de assumir posicionamentos considerados masculinos, sendo esta concepção a narrativa que destinou que mulheres fossem submetidas socialmente aos homens que cerceiam a sua trajetória.

Como traz Amâncio (1998):

Embora a mitologia da diferença entre os sexos seja muito antiga, essa permanência ao longo do tempo não explica e muito menos legitima as desigualdades actuais, ao contrário do argumento frequentemente evocado pelos defensores de uma postura passiva e fatalista perante esta questão, e que assim pretendem salientar o naturalismo e a imutabilidade das desigualdades baseadas no sexo. (AMÂNCIO 1998, p. 80)

Essas concepções vêm sendo debatidas dentro da Psicologia e, ao longo do tempo, desmistificadas através do movimento feminista, que vem prezando pela desconstrução do patriarcado, sistema social este que há muito definiu o modo de existência das mulheres, desconstruindo a noção do que é ser mulher, questionando as principais características que lhe foram atribuídas, como o papel coadjuvante que elas

exercem na sociedade, estando destinadas a sempre se posicionarem em prol do bem familiar e conjugal. Amâncio (1998, p. 388) critica em seus escritos que a “inferioridade sexual e intelectual da mulher, do seu papel natural na reprodução da espécie e no cuidado dos filhos decorre naturalmente uma definição de função e de papel, [...] a mulher é essencialmente esposa e mãe”. A autora denuncia que tal entendimento sobre a mulher faz com que esta se veja desde a infância responsabilizada e incentivada a criar laços, trazendo ao corpo feminino a submissão a situações que favoreçam o outro, seja na objetificação que traz prazer ou no papel que carrega desde a infância, se dedicando, inicialmente, à sua família e futuramente ao seu casamento. Estas questões levantadas são algumas das argumentações que ajudariam a entender o motivo dos índices de feminicídio serem tão elevados.

No entanto, o conceito de feminilidade em Freud está além destas construções sociais, não descartando este fator, mas adicionando como principal característica definidora da feminilidade a construção do psiquismo do sujeito que se identifica como mulher. Freud em seus escritos muito se debruçou sobre a feminilidade, que em sua primazia era um mistério acerca de como se fundamentava. Em 1905, em seu texto os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016), ele lança a ideia de que a sexualidade e sua formação estão além da genitalidade. Portanto, a expressão do que é sexual está além da construção anatômica do corpo ao qual pertence. Então, ser mulher ou ser homem está além do corpo biológico.

Como Samico (2013) traz:

A primeira das teorias sexuais infantis consiste, então, em atribuir a todos a posse de um pênis, inclusive às mulheres. Isto implica que, tanto para o homem quanto para a mulher haveria somente uma representação sexual: a masculina. O que é feminino resta sem definição. (SAMICO, 2013, p. 11)

Ou seja, a construção da feminilidade nos conceitos freudianos não parte da sua gênese em si, mas de como o sujeito se comporta frente ao que é fálico; desta forma, o que é feminino e masculino foge ao que é instintivo, pois se situa na transitoriedade do objeto de obtenção da satisfação do sujeito. A diferenciação do que é feminino para o que é masculino se inicia na construção edípica do sujeito, como Freud (2016) traz em seus textos sobre a sexualidade infantil, que a partir da percepção do menino na falta do pênis no corpo da menina traria a este a fantasia da castração, logo, o medo de perder o falo. Nas meninas, percebendo-se faltosas, sucumbem ao sentimento de inveja do pênis, sentindo-se prejudicadas por não o terem e esta assimilação das diferenças dos corpos é o que Freud defende como a primeira indicação da universalidade do pênis como teoria da diferenciação dos sexos. Ou seja, nos ensaios sobre a sexualidade de 1905 Freud (2016) entendia a

feminilidade como associada à lógica fálica dos sujeitos, mas sem nenhum outro tipo de concretização desta. Uma questão fundamental para o nosso estudo é sobre a teoria da libido que Freud (2016) traz ainda no texto de 1905, que caracteriza as relações entre feminino e masculino associado ao estado bissexual pautado na atividade e passividade, como Freud descreve:

De fato, se pudéssemos dar um conteúdo mais definidos aos conceitos “masculinos” e “femininos”, também se poderia afirmar que a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher, e independentemente de o seu objeto ser homem ou mulher. (FREUD, 1905/2016, p. 139)

Ainda no texto “Diferenciação de Homem e Mulher” de 1905, na página referenciada em nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud (2016) nos elucida sobre a designação da libido como masculina, pois entende que o instinto é sempre ativo, mesmo estando atrelado a uma meta passiva. Acrescenta, ainda, uma concepção sociológica sobre o masculino e o feminino em sua existência efetivamente, chegando na ideia de que nenhum sujeito se apresenta como puramente tomado por um único gênero, mas “[...] uma mescla da característica biológica do seu sexo com traços biológicos de outro sexo, e uma combinação de atividade e passividade, tanto na medida em que esses traços de caráter psíquico dependam dos biológicos como em que sejam independentes” (FREUD, 2016, p. 139). Sobre a sexualidade, Freud (2016) define as “Zonas Diretrizes no Homem e na Mulher” que elenca que nas crianças do sexo feminino a zona erógena diretriz está atrelada ao clitóris, sendo estabelecido com a zona erógena masculina que é a glândula, salientando que se quisermos entender a transformação de meninas em mulheres, é preciso se atentar às “vicissitudes” seguintes destas excitações clitoridianas. Estas mudanças, que são muito explícitas na transitoriedade dos meninos para homens durante a puberdade, são marcadas para as mulheres pela repressão da sexualidade clitoriana; nesta mesma fase Freud diz:

O reforço das inibições sexuais, criado por essa repressão que ocorre na puberdade da mulher, resulta num estímulo para a libidodohomem, que se vê obrigado a intensificar sua atividade: com a elevação da libido, sobe também a superestimação sexual, que é tida em plena medida somente à mulher que se recusa, que nega sua sexualidade. (FREUD, 2016, p. 141)

Desta forma, segundo Samico (2013), nesse momento da doutrina psicanalítica o desenvolvimento libidinal das meninas é idêntico ao dos meninos, e a marca do que é tipicamente feminino está sob a lei da passividade. Estar sob a lei da passividade significa que o feminino se sujeita ao seu objeto; para tanto, em seu trabalho “Introdução ao Narcisismo” de 1914, Freud (2010) define a existência do narcisismo normal

e primário, onde “[...] originalmente o Eu é investido de libido e [...] uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu”. Freud (1914/2004, vol. I, p. 99) demonstrando que há uma relação antiética entre a libido do Eu e a do Objeto, fazendo o movimento de que quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia, e nesta movimentação é percebido um relacionamento amoroso: quando a pessoa se apaixona há o esvaziamento libidinal do Eu em favor do Outro, em um movimento simbiótico entre o Eu e o Outro.

Como Samico (2013) traz:

O narcisismo, portanto, seria um dado essencialmente feminino. Uma vez que a pulsão não se veicula sobre o objeto, mas sobre o Eu, Freud concebe este movimento como eminentemente passivo. O mesmo raciocínio se aplica ao masoquismo, trabalhado no texto sobre as pulsões e seus destinos. O masoquismo é considerado uma transformação de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva e, logo, feminina. (SAMICO, 2013, p. 14)

A partir destes arcabouços teóricos podemos compreender que a junção sociológica da concepção feminina e a construção psíquica típica das mulheres indica que a mulher está mais propensa a entrar em uma relação entendida como disfuncional, até mesmo abusiva, pois a sua formação narcísica associada ao enamoramento a coloca na posição de abrir mão do seu Eu em prol do objeto de amor, pois a associação do que é amor e amar está ligada ao seu posicionamento narcísico, centralizando seu objeto amado no lugar do ideal de Eu.

Lacan (1972-73) traz uma grande contribuição ao atendimento da construção da feminilidade a partir de sua teorização sobre as fórmulas quânticas de sexuação. A esse respeito, Samico (2012) informa que:

Com a finalização da criação das fórmulas de sexuação, apresentadas em seu seminário 20 (1972-1973), Lacan apresenta um novo paradigma para a investigação sobre a sexualidade humana. Ele parte da argumentação de que tanto a identidade quanto a partilha sexual nos seres humanos se dão a partir da função fálica, uma vez que homens e mulheres habitam a linguagem, mas não totalmente sob suas regras. (SAMICO, 2012, p. 7)

Não nos aprofundaremos na teorização das fórmulas quânticas, mas precisamos afirmar que Lacan ensina que a definição do feminino está além da ordem anatômica, e acrescenta que esta definição habita na ordem do discurso, no qual o que é ser feminino e o que é ser masculino está ligado a uma condição eleita pelo sujeito falante, posicionando em um dos campos das fórmulas quânticas de sexuação: seja no esquerdo, masculino, ou no direito, feminino. Miller, por sua vez, traz que “[...] o falasser feminino, na análise tem, em primeiro lugar, que resolver a questão do amor, e isso é a erotomania” (MILLER, 1998, p. 7-12). O autor

entende que a busca feminina na análise se dá, em suma, na tentativa de lidar com suas demandas de amor: a falta que faz falta.

O gozar-se da devastação

A partir da construção do feminino em Freud e Lacan, entendemos que estar em um relacionamento amoroso envolve muito mais do que o mero contrato social que muitas pessoas, por vezes, denotam. O encontro com Eros é divino, assim como traz o livro “Banquete” de Platão (1991) e a busca por ser contemplada por esta divindade passa a ser a finalidade do feminino, sendo o encontro com o Outro a melhor experiência que possa ser vivida em sua existência, pois visa a completude.

Como Zalcberg (2012) traz:

Se uma mulher buscar identificar-se ao significante mulher (que não existe), em vez de se encontrar, se unificar, ela irá, pelo contrário, se desdobrar em duas partes: numa em que ela é sujeito do inconsciente e noutra em que ela só encontra ausência em vez de uma existência. É o que justifica Lacan (1960/1995: 742) dizer que, pelo fato de a mulher se mover entre “uma pura ausência e uma pura sensibilidade”, ela, de alguma forma, habita um lugar em que nem nome tem. (ZALCBERG, 2012 p. 470)

E neste lugar que nem nome tem, a mulher se detém a encontrar e se identificar com o que Lacan chamou de “semblantes”; a função do semblante, que do simbólico se dirige ao real, é mesmo o recobrir o nada (LACAN, 1972-1973/1982); desta forma, a identificação com os semblantes traz consigo um dizer simbólico que recobre o que há de real na sua falta.

E no envolvimento amoroso não se faz diferente, sendo que o amor é um dos semblantes ao qual a mulher recorre para suprir a falta de significante do sexo feminino (LACAN, 1977). Lacan ainda traz que, quando o “semblante” do amor não obtém sucesso em sua função, surge a “Devastação”, corroborando com a noção freudiana de que a perda do amor é a figura que a castração assume do lado feminino. (ZALCBERG, 2012, p. 471)

A primeira noção de Devastação que Lacan traz está atrelada ao relacionamento de mãe e filha, quando “a filha espera como mulher mais subsistência de sua mãe do que de seu pai, ele vindo em segundo lugar nessa devastação” (LACAN, 1972/2001 p. 465). Desta forma, a relação de Devastação se apresenta neste relacionamento mãe-filha, quando a filha procura em sua mãe uma identificação feminina exatamente no ponto em que se coloca a impossibilidade de uma transmissão da feminilidade (ZALCBERG, 2012 p. 471). A segunda fórmula da Devastação de uma mulher se apresenta através do seu relacionamento amoroso como um arrebatamento de suas faltas, não somente

se sentindo amada, mas demandando constantemente este amor, haja vista, que nas diferenciações dos sexos regidos pela palavra, o homem perante a castração pode gozar sem a necessidade de fala; mas para que a mulher possa fazer usufruto do gozo se faz necessário que se sinta amada e ainda que seu parceiro eleito fale sobre isso.

Como reforça Zalcberg (2012 p. 472), “além da demanda de ser ao Outro, a mulher espera que o amor lhe sirva de barreira protetora em relação a um gozo que é só dado à mulher sentir, e que tem como característica ser passível de revelar-se sem limite”. Desta forma, a mulher se utiliza da devastação como meio de manutenção do gozo, e mais uma vez isso se dá pela diferenciação dos sexos e a forma como eles são tingidos pela divisão sexual, fazendo com que homens e mulheres, posicionados na fórmula de sexuação em diferentes lugares, busquem meios de amar que preencha a carência deixada pela não existência da relação sexual.

Sendo a devastação para a mulher consequência do gozo por estar fora da lógica fálica, não tendo um significante que distingue o que é uma mulher, se tornando então “[...] uma modalidade no vínculo entre uma mulher e sua mãe, é, por isso, passível de atuar nas parcerias amorosas e em todos outros enlacs, inclusive no amor de transferência” (SAMICO, 2012, p. 12). E é neste momento que se estabelece o relacionamento abusivo; este assujeitamento está intimamente ligado ao gozo da Devastação, pois “para uma mulher, amor e devastação possuem estreito parentesco porque ambos estão sob o registro do sem limite e da falta de significante no Outro”. (SAMICO, 2012, p. 12)

Mesmo dentro de uma relação afetiva onde o Eu se desfaz aos poucos, a alteridade feminina em continuar este vínculo se dá na mesma proporção em que o Outro a complementa, a fazendo se sentir amada. É como um testemunho que pudemos ouvir de uma paciente na experiência clínica de estágio, no qual a mulher, entendendo o quão disfuncional era o seu relacionamento e tendo todo o suporte social necessário para se separar, insiste em manter a relação, mesmo que custe a própria vida, haja vista a ocorrência de diversas tentativas suicidas.

Como Samico (2013) nos ensina:

A chave deste enlace masoquista é a erotomania, ou seja, não importa apanhar, o que importa é que ele bata na mulher que ama, que esta mulher seja seu objeto de amor. Essa erotomania que marca o que é específico do feminino se faz presente na vida de uma mulher em todos os enlacs amorosos que fizer. (SAMICO, 2013, p. 12)

Desta forma, entendendo a Devastação como tão somente o preço a se pagar pelo gozo provocado por este enlace amoroso, as mulheres continuam neste ciclo até não poderem sair mais, quando se tornam mais

uma vítima apontada pela estatística que introduziu este trabalho. Uma das alternativas que cabe a estas mulheres para comeder este processo, é o que Samico (2013) propõe:

Cada mulher, então, deve encontrar soluções particulares para alojar os excessos típicos da modalidade de gozo feminino em seu ser. A análise pode ser uma grande aliada das mulheres, pois ao acolher o que é da ordem do real de seus gozos, estabelece um campo, onde algo desse furo tão presente na condição feminina, possa advir e circunscrever o excesso que o feminino carrega. (SAMICO, 2013, p. 13)

Através da análise, é possível trabalhar esta relação sintomática, estabelecendo de maneira homeostática sua relação entre seu Eu e o Outro, fazendo com que o gozo provocado pela devastação seja o menos destrutivo possível, e que o sujeito, dentro de seu discurso, consiga achar meios de lidar com o que há de falta em seu exercício da feminilidade.

O não nomeado, ainda

Seguindo os contextos descritos até aqui, entendemos os percalços que fundamentam e que explicam o porquê de o índice de pessoas tangidas pela violência doméstica ser o feminino e, ainda, elucidamos como se mantém e se sustenta o desejo de uma mulher em estar em um relacionamento disfuncional. Mas ainda há uma questão a ser debatida neste trabalho: o que o distanciamento social, motivado pela pandemia causado pela COVID-19, trouxe consigo para que fizessem com que os sujeitos que estão dentro da lógica abusiva a percebesse e a nomeasse como tal.

Fink (2018, p. 18), acerca dos ensinamentos sobre clínica Lacaniana, traz que “na maioria dos casos, as pessoas entram na terapia em momentos de crise, em ocasiões em que o *modus operandi* desmorona. Se, como diz Freud, os sintomas proporcionam satisfações substitutas, esses substitutos nem sempre funcionam eternamente”. A pandemia e, por conseguinte, o distanciamento social, trouxe consigo um real para o qual nossa geração ainda não tinha nenhum tipo de preparo; aliás, o Real tem como função nos tirar da nossa lógica Simbólica e Imaginária e traz consigo aquilo que ainda nem nome tem. A verdade é que, dentro de um relacionamento abusivo, a pressão psíquica causada pelo abusador a coloca na posição de dúvida sobre como proceder perante os impasses acerca de seu relacionamento, como Cardoso (1997) traz:

Insistir em um relacionamento após sucessivos episódios de violência ou retornar à relação após a separação é uma constante na vida de mulheres que sofrem violência conjugal. Quando, no entanto, a mulher consegue enfrentar o medo e separa-se do marido, inicia-se um jogo emocional no qual ocorre uma suposta mudança de comportamento

do companheiro, o que a faz sentir-se mais confiante e dedicar-se mais a preservação desse relacionamento, reiniciando o ciclo da violência. (CARDOSO, 1997, p. 136)

Este jogo emocional está intimamente ligado ao gozar do sintoma, para o qual Fink (2018) nos adverte quando diz que “a maioria das pessoas nega obter prazer ou satisfação com seus sintomas, porém o observador de fora costuma ser capaz de perceber que elas desfrutam desses sintomas, que elas “gozam” com eles de um jeito que é por demais indireto, sujo ou sórdido” (FINK, 2018, p. 19).

Assim, é passível de compreensão que, mesmo o sujeito externalizando o desejo de querer sair deste ciclo de abusos, ele encontra dificuldades de abandoná-lo, apesar de seu discurso, como Lacan (apud FINK, 2018) traz:

[...] a análise deve atentar constantemente para a letra do que dizem seus analisandos, não para o que eles pretendem dizer, não para seu sentido intencionado, porque eles não sabem o que dizem: são falados pelos significantes (ou seja, pelo discurso do Outro) que os habitam. (LACAN apud FINK, 2018, p. 228)

Ou seja, o dizer nem sempre manifesta o desejo autêntico do sujeito. Dentro deste contexto já podemos começar a delimitar o quanto a pandemia e o distanciamento social reverberaram na população e de modo nenhum pretendemos ser conclusivos quanto à esta questão, haja vista que, durante a escrita do presente trabalho, a pandemia e o isolamento ainda se fazem presentes no cotidiano global. Mas, sem qualquer dúvida, já podemos perceber as consequências destes. Entre estas podemos destacar o que Preuss, Perotti e Shuck (2020) abordam:

[...] com o isolamento social, foram barradas e interditadas as atividades que se caracterizam como desejos, sendo eles próprios do sujeito ou do outro, ou de demandas sociais. Com a proibição e instauração do isolamento social, foram intensificados os contextos de castração e repressão dos desejos. (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020, p. 4)

O distanciamento social castrou a ideia de que o sujeito está no controle de tudo. Ou seja, este “novo normal” rompe com a lógica gozante que o sujeito vivia e a reclusão traz consigo um emaranhado de significantes, fazendo com que o sujeito se depare com uma realidade fora de sua fantasia; e é aí que as coisas adquirem seu nome. Como Preuss, Perotti e Shuck (2020) nos orientam:

É no terror da angústia criada pela castração e repressão, que habitam a gênese das manifestações neuróticas. Medos, fobias e sintomas diversos, que surgem no plano consciente, são efeitos de conflitos nas tentativas de defesa contra a emergência desta angústia que parece insuportável. Porém, como já citado anteriormente, do ponto de vista da psicanálise, para que se possa desejar é necessário que haja falta. (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020, p. 4)

E deste modo, o relacionamento que até então era sustentado pelo gozo da Devastação desmorona, dando espaço para o outro significativo que a angústia causada por esta adaptação social trouxe consigo; e a partir destes novos significantes se estabelece a crise de satisfação. Porém, Fink (2018) traz que desistir desse parceiro seria desistir inteiramente do desejo, sendo então substituído e projetado para si mesmo. Em um contexto em que há a possibilidade de contrair um vírus que ainda pouco se conhece, a altíssima curva de mortos por conta da doença evoca as pulsões de autoconservação, haja vista que tudo o que era conhecido, as relações e sua fantasia estruturada, se desfizeram e tiveram que se adaptar. Como destacam Preuss, Perotti e Shuck (2020):

[...] quando se fala em angústia causada pela COVID-19, é que as pessoas possuem uma necessidade de obter controle, poder e domínio sobre o que as cercam. É assim, nesta falsa ideia de controle que os sujeitos inauguram o estar angustiado, pois, a ideia de controlar, na verdade não é um espaço de conquista, é, portanto, uma alienação de demasiada privação, resultando na contínua perda de experiência e de significação. (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020, p. 9)

Deste modo, a pandemia, juntamente com o distanciamento social, trouxeram consigo a ressignificação do sintoma, sendo a violência vivida em seu relacionamento mais uma ameaça ao Eu e sendo a Devastação não mais o objeto que traz prazer, pois as prioridades mudaram, fazendo com que o sujeito rompa a dialética existente em seu relacionamento, visto que esta não supre mais suas faltas. E como Fink (2018) pontua: a meta continua a ser a separação do Outro para permitir que o sujeito siga seu rumo sem todas as inibições e influências derivadas dos outros concretos que o cercam ou dos valores e juízos internalizados do Outro.

Considerações Finais

Tendo em vista todos os pontos apresentados, podemos compreender como se dá a construção da feminilidade, que explicaria o formato em que a sociedade se moldou e como esta questão influencia no modo pelo qual os sujeitos se relacionam. Buscamos, ainda, esclarecer a manutenção do desejo de uma mulher em estar em um relacionamento abusivo, mesmo que este acabe com a sua vida, a colocação do Outro como objeto a, e sua tentativa de alcançar a completude.

É verdade que este endereçamento de amor, por mais destrutivo que seja, é o que ela deseja e este desejo se legitima dentro de sua satisfação. A Psicanálise não se propõe a eliminar o sintoma, mas auxilia na recuperação do seu próprio desejo, não sendo tão somente uma correspondência ao Outro. Sem dúvidas, o desvelamento dessa questão deve ser pautado no desejo de assim se fazer, cumprindo o que se deseja, mesmo

que este encontro com o Outro lhe cause angústia.

Desse modo, apesar de todos os atravessamentos sociais que abrangem e estereotipam o relacionamento abusivo, é preciso entender que o sujeito regido pelo inconsciente busca tão somente a completude daquilo que falta. Entendemos, ainda, o Real que a pandemia trouxe a estas mulheres, corroborando com o aumento repentino das denúncias dos casos de violência doméstica, que não são meramente acasos, mas o resultado da quebra da fantasia em que elas viviam, fazendo com que o gozo proporcionado pelo sintoma não funcione mais e, desta forma, não sirva mais para sua completude.

Nota

1. SOARES (2019) traz que: O uso do termo “Feminicídio” foi usado pela primeira vez em 1976 pela socióloga e feminista Diana Russel, objetivando denunciar violências que mulheres estadunidenses sofriam, passando a ser adotado em outras nações no fim do século XX, e início do século XXI. No Brasil, por exemplo, até algum tempo atrás, a morte de mulheres na qual o companheiro era o agressor era caracterizada como homicídio conjugal, com a promulgação da lei nº 13.104/2015, crimes da mesma natureza passaram a ser considerados circunstâncias qualificadoras para o crime de homicídio e, portanto, se enquadrada na lei do feminicídio.

Referências

AMÂNCIO, L. **Sexismo e racismo** – Dois exemplos de exclusão do outro. In: ARAÚJO, H. G.; SANTOS, P. M.; SEIXAS, P. C. (Coord.). *Nós e os Outros: a exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: SPAE, 1998.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 – Lei Maria da Penha**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 10 out. 2020.

CARDOSO N. M. B. **Psicologia e relações de gênero**: A socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, A. V.; SIQUEIRA, M. J. T.; LHULLIER, L. A.; MOLON, S. I. (Org.) **Psicologia e Práticas Sociais**. 19. ed. Porto Alegre: Abrasposul, 1997.

FINK, B. **Introdução clínica à Psicanálise Lacaniana**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>. Acesso em: 17 out 2020.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973/1982.

LACAN, J. **L'Étourdie**. *Autres écrits*. Paris: Editions du Seuil. (1972/2001).

MILLER, J. A. A criança entre a mulher e a mãe. **Revista Opção Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 7-12, 1998.

PLATÃO. **Banquete, Fédon, Sofista e Político**. [Tradução José Cavalcante

de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa] São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os Pensadores.

PREUSS, F. C.; PEROTTI, E. D. L.; SCHUK A. E como ficam nossos desejos? Um olhar psicanalítico sobre a pandemia da Covid-19. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc**, São Miguel do Oeste, v. 5, p. e24162, 13 maio 2020.

SAMICO, F. C. A Clínica das mulheres: Erotomania e devastação. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**. Vassouras, v. 3, n. 1, jan/jun, 2012.

SAMICO, F. C. A Construção do conceito de feminilidade na obra freudiana. **Mosaico -Revista Multidisciplinar de Humanidades**. Vassouras, v. 4 n. 1, 2013.

SOARES, D. Z. *et al.* **Feminicídio no Brasil: Gênero de quem mata e de quem morre**. 2019. Disponível em: https://www.enanpege2019.anpege.ggf.br/resources/anais/8/1562631571_ARQUIVO_ENANPEGE-FEMINICIDI_ONOBRASILGENERODEQUEMMATAEDEQUEMMORRE.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

ZALCBERG, M. A Devastação: Uma singularidade feminina. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 469-475, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382012000200013&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 10 out. 2020.